

Administrador - José Rocha Diniz | Director - Sérgio Terra | N° 5594 | Quarta-feira, 31 de Outubro de 2018



澳門論壇日報

Jornal WWW.JTM.COM.MO Tribuna de Macau AO SERVIÇO DE MACAU DESDE 1982



24°C

35 anos
ao serviço
de Macau

- [Local](#)
- [Opinião](#)
- [Actual](#)
- [Desporto](#)
- [Lazer](#)
- [Últimas](#)
- [PUBLICIDADE](#)
- [Especiais JTM](#)

“Educação é um pólo fundamental” nas relações sino-lusófonas

23 Oct, 2018



Para o presidente do Observatório da China, é “urgente” que a educação e a cultura sejam tidas como partes fundamentais – ao lado dos grandes projectos de infraestruturas – no quadro das relações entre Macau, China e países de Língua Portuguesa tendo sobretudo em conta que a RAEM “terá um papel muito importante” a apoiar a China no “desenvolvimento educativo”. À TRIBUNA DE MACAU, Rui D’Ávila Lourido realça a

importância do papel do Fórum Macau neste desígnio mas aponta algumas falhas que deveriam ser colmatadas ao nível de financiamentos dos projectos de investimento nos países lusófonos

Catarina Almeida

O presidente do Observatório da China em Portugal orientou ontem uma palestra no Instituto Internacional de Macau (IIM) sobre as relações da China com Portugal, Lusofonia e o papel de Macau no âmbito da nova Rota da Seda Chinesa. Antes da sessão, a TRIBUNA DE MACAU esteve à conversa com Rui D'Ávila Lourido que abordou, neste contexto, o peso do Fórum Macau no espaço lusófono. De um modo geral, para o também historiador, a relação com o Fórum tem "muito a melhorar e a desenvolver" sobretudo por ser também a "ponta de lança para a lusofonia". "É importante para cristalizar e avolumar a importância de Macau nomeadamente na Baía do Rio das Pérolas, este grande projecto [...] de futuro para Macau porque ampliará de forma incomensurável as suas potencialidades", destacou Rui Lourido.

Em todo o caso, notou, é necessário "desenvolver o acesso ao crédito" – concedido pelo Fundo da Cooperação para o Desenvolvimento entre a China e os Países de Língua Portuguesa – que na tese do presidente do Observatório "não é nada vantajoso para as empresas portuguesas, angolanas ou dos nossos parceiros lusófonos [porque] eles conseguem crédito mais barato do que o Fundo dá se for feito directamente com um banco chinês ou outro qualquer europeu".

Por outro lado, em relação ao acesso de empresas portuguesas e africanas a joint-ventures, Rui Lourido acredita que a presença de uma empresa chinesa nesses projectos não deve ser decisiva para a materialização das mesmas. "Deve haver controlo mas deve haver [também] liberdade de acção por parte das empresas na gestão do seu pacote e na implementação do que foi aprovado", observou.

Além destes dois pontos a melhorar, Rui Lourido diz ser "necessário e urgente" no seio desta relação da China com os países de língua portuguesa, estando Macau incluído, apostar na componente cultural e educativa. Uma estrutura que é "fundamental" para "ultrapassar os maus-ambientes que se criaram". "A China compreende hoje em dia que a forma como alguns investimentos foram feitos, levando mão-de-obra juntamente com quadros técnicos, criou muitos anticorpos nos países onde se vai tentar estabelecer um projecto, porque [...] ainda que possam ter dirigentes chineses na empresa a mão-de-obra de base deve ser local e contribuir para o desenvolvimento da população local".

Logo, acrescentou, "é necessário transmitir informação e divulgação da civilização chinesa nos países para onde vai. Levar a ópera, cinema, teatro, marionetas e danças e é necessário que receba dos países para onde vai o mesmo tipo de influência e informação cultural. Dar-lhes a conhecer o que é a China e através desta interface cultural permitir que a população de lá compreenda melhor a civilização chinesa para que os anticorpos se diluam".

O pólo fundamental

Por outro lado, no âmbito do fortalecimento destas relações sino-lusófonas, com Macau a servir de plataforma, é igualmente necessário perceber que a "educação é um pólo fundamental". Ou seja, "o investimento não pode ser só em infraestruturas pesadas – auto-estradas, pontes – mas tem de ser em educação, universidades, em bolsas de investigação", afirmou o também director cultural da União das Cidades Capitais de Língua Portuguesa (UCCLA). A título de exemplo, em Portugal, há "muitíssimos mais estudantes portugueses a estudar Chinês [...] e por outro lado os próprios chineses começam a aprender mais o Português e isso tem-se desenvolvido".

Neste contexto, "o que vai marcar é precisamente na medida em que Macau consiga reforçar o seu know-how ao nível da criatividade e do turismo cultural, e é aí que Macau terá um papel muito importante apoiando a China neste desenvolvimento educativo. É o que está a fazer a Universidade de Macau e o

Instituto Politécnico em que estes professores sabendo Português vão ser o corpo pedagógico das universidades chinesas", considerou.

De um modo geral, para Rui Lourido, o território está "na direcção certa" em termos de aposta no mundo lusófono, servindo de plataforma. Ao mesmo tempo, a Administração da RAEM tem "desenvolvido este testemunho português: tem a língua durante 50 anos", porém, "devia fazer e pôr realmente a Administração Pública a ter de aprender Português para ser interface com os lusófonos", embora reconheça que esse segmento da população representa uma minoria no território.

Não obstante, "as cidades lusófonas podem e dever ter uma quota parte neste esforço formativo porque, aí, Macau tem uma experiência secular, e é necessário formar na administração de São Tomé e Príncipe, Guiné-Bissau, Cabo Verde, de todos os países. As próprias cidades portuguesas têm muito a aprender nomeadamente ao nível do urbanismo, na China", advertiu.

No fundo, Macau "vai no bom sentido, mas há que aprofundar e inovar" em termos de divulgação cultural e formação profissional, considera Rui Lourido para quem o papel do Fórum é, uma vez mais, "fundamental para a visibilidade de Macau".

Observatório da China com várias actividades no próximo ano

O Observatório da China iniciou em Maio a terceira fase da Biblioteca Digital Macau/China que actualmente disponibiliza, a título gratuito, 200 mil páginas que permitem assim um acesso aprofundado sobre a História de Portugal, África, Europa, América e da Ásia. Segundo o presidente do Observatório, Rui D'Ávila Lourido, a quarta fase arrancará em Dezembro e dará ênfase à cartografia. Actualmente, estão em curso trabalhos de digitalização dos jornais de Macau para a base de dados. Esta biblioteca digital, criada em 2016, conta com o apoio da Biblioteca Nacional de Portugal, Fundação Macau e União das Cidades Capitais de Língua Portuguesa (UCCLA). De resto, o Observatório tem já agendadas várias actividades para o ano em que se assinalam os 40 anos das relações diplomáticas entre a China e Portugal, nomeadamente uma actuação, em Maio, do grupo de marionetas de Yangzhou. Em Dezembro, a Ópera de Cantão marcará presença no Festival Internacional de Marionetas, em Évora. Já em Junho, terá lugar uma conferência internacional, na Gulbenkian, com várias universidades representadas, incluindo a Universidade de Macau.



CAPA DO DIA

31 OUT 2018

Edição de papel actualizada às 15H de Macau